

LIVRO, LEITOR E LEITURA: AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

BOOK, READER AND READING: AGENTS OF SOCIAL TRANSFORMATION

Giovana Deliberali Maimone^a

Nicole Bonassi de Oliveira^b

Natália Gabriel da Silva^c

Francisco Carlos Paletta^d

RESUMO

Objetivo: Evidenciar o fundamental papel do livro, do leitor e da leitura como agentes de transformação social real protagonizados pela Biblioteca Escolar. **Metodologia:** De natureza qualitativa, composta por levantamento bibliográfico de busca teórico-exploratória, sendo que pesquisas documentais também foram utilizadas para apoiar reflexões apontadas. **Resultado:** A Biblioteca Escolar é ressignificada pelo contexto de condições culturais diversas trazidas pelas crianças e suas “significações” assim como questões de mediação realizada pelo bibliotecário no atendimento às necessidades em tempos de grandes transformações estruturais/digitais. **Conclusão:** Apoiar o trinômio Livro, Leitor e Leitura como elementos de desenvolvimento social sustentável contribui de forma inovadora na formação do jovem leitor, possibilitando uma inserção mais juvenil e duradoura em contextos socioculturais.

Descritores: Livro. Leitor. Leitura. Biblioteca Escolar. Transformação social.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade, somada à curiosidade humana de evoluir constantemente, ganhou um utensílio primordial para a expansão do

^a Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade de São Paulo (USP). Email: gdmaimone@usp.br

^b Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). Email: nicolebonassi@usp.br

^c Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). Email: nataliasilva@usp.br

^d Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade de São Paulo (USP). Email: fcpaletta@usp.br

conhecimento e dos registros como um todo: a Biblioteca. O dispositivo, com o caminhar dos séculos, desenvolveu-se e permitiu que derivações de sua estrutura surgissem, resultando em bibliotecas universitárias, públicas, escolares, especializadas, entre outras. Todavia, em muitas destas instituições ainda existem ações primitivas que não dialogam com o intuito pedagógico do espaço, especialmente quando se trata de bibliotecas escolares.

Neste aspecto, na contemporaneidade, além das problemáticas educacionais que se apresentam desafiadoras perante as crianças, é preciso lidar também com as lacunas da biblioteca escolar, que em países como o Brasil não ocupa o protagonismo esperado devido à falta de reconhecimento de ações pedagógicas e a não cultura do uso dos dispositivos, não aproveitando o caminho informacional rico que poderia existir entre a biblioteca escolar e a formação da criança.

Para tanto, como a biblioteca escolar pode contribuir com a transformação de crianças em agentes sociais? Como a biblioteca escolar pode se reerguer e elevar a capacidade intelectual das crianças? Seja através da leitura ou da mediação apropriada, tais questões se mostram pertinentes, uma vez que o cerne da expansão do conhecimento encontra-se na leitura, que pode ser melhor disseminada quando apreciada precocemente e, também, quando mediada na infância.

Em seguimento, a pluralidade das necessidades de um dispositivo escolar não pode ser discutida sem que os indivíduos participantes sejam mencionados, dado que as crianças e os mediadores agregam significado à biblioteca, assim como a presença governamental e o ato da leitura. Similarmente, o estigma histórico que acompanha a leitura e o equilíbrio entre o particular e o coletivo também deve ser abordado para uma melhor compreensão do problema.

Ademais, estudar os modelos de leitura da criança juntamente com a biblioteca escolar influencia diretamente na formação das próximas gerações leitoras, coincidindo não apenas com o avanço de mentalidades questionadoras e autônomas, mas também com o desenvolvimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação perante as novas necessidades da sociedade digital.

Quanto maior a preocupação científica em alavancar o poder das bibliotecas, maior será a quantidade de profissionais engajados, resultando em mediadores conscientes de suas tarefas e apaixonados por suas missões, contribuindo também para que, não somente as crianças e os jovens, mas também parte da comunidade, seja capaz de empregar sentido às possibilidades da leitura.

Situando-se metodologicamente, o presente artigo apresenta-se como uma pesquisa qualitativa, composta por levantamento bibliográfico e busca exploratória por entre autores familiarizados com o tratamento de bibliotecas escolares e o seu público central: as crianças. Foram realizadas pesquisas documentais como apoio para reflexões apontadas, assim como a imersão em áreas que se encontram nas fronteiras com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, como a Pedagogia, a Antropologia, a História e a Psicologia.

2 O PAPEL DO LIVRO NA FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA E DO JOVEM

Utilizando-se da linguagem natural grande parte das crianças que são seres curiosos, afoitos para descobrir respostas e desvendar caminhos, utiliza-se da fantasia e das criações para “concretizar suas experiências”; tais características são primordiais para o desenvolvimento intelectual dos pequenos.

A criança pode ser dificilmente interpretada devido a sua vasta imaginação, que a coloca como um ser lúdico (CORTELLA, 2008), ou seja, “aquele em que o divertimento está acima das demais preocupações que o mundo oferece, tendo como preocupação máxima o horário de ir para a escola e as atividades que devem ser entregues na próxima aula” (CORTELLA, 2008).

No entanto, apesar da ludicidade natural pertencente à personalidade das crianças, há aquelas em que as brincadeiras se mesclam com as responsabilidades da vida adulta, delegando aos livros, sejam eles físicos ou digitais, a oportunidade de oferecer lazer e desenvolvimento crítico em momentos oportunos.

Do mesmo modo, apesar de ser um ser lúdico, a criança expressa capacidade maior de entendimento do que apenas viver em um mundo de brincadeiras, porém prefere viver em um mundo de “faz-de-conta” do que questionar “coisas” das quais não têm muita certeza, conforme destaca Cortella (2008). A criança, através das próprias narrativas e situações que cria, desenvolve uma relação direta com a cultura na qual está inserida, como descreveu bem Brougère (1998).

Ainda assim, a ludicidade encontrada nas crianças dá possibilidade para que o mundo interior delas transborde, porém, sem ofuscar a fronteira entre o real e o imaginário, pois “toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar um mundo só seu, ou, mais exatamente, por transpor as coisas do mundo em que vive para um universo novo em acordo com suas conveniências” (FREUD, 1973, p. 70 *apud* BROUGÉRE, 1998, p. 103).

Para exemplificar a visão impressa por Freud, pode-se recorrer ao pensamento de que “o brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade” (BORBA, 2009, p. 46), ou ainda que “a brincadeira é universal e é própria da saúde, facilita o crescimento, desenvolve o potencial criativo e conduz aos relacionamentos grupais”, que ocorre tanto com adultos quanto com crianças (PEDROZA, 2005, p. 61-76).

Como o objetivo do artigo *Livro, Leitor e Leitura* é voltado inteiramente para as relações que envolvem as crianças e os jovens, o aprofundamento será mantido apenas nesta vertente, não buscando compreender o impacto das variadas formas de brincar no adulto. Tendo tal delimitação definida, Pedroza (2005) torna explícito que a ação lúdica em uma criança contribui profundamente para a sua formação intelectual e social, tomando tais atividades como mecanismos capazes de desenvolver uma percepção mais aguçada na criança, resultando em um amadurecimento cultural interior – como na aquisição de repertório – e exterior, “representando a geração futura desse mundo chamado sociedade” (GOMES, 2004, p. 33).

Para Borba (2009), a brincadeira age como uma refeição colorida e convidativa à criança, possibilitando que esta explore os detalhes de seu prato e questione de onde aqueles alimentos vêm, como chegaram ali e por que eles

compõem especificamente a sua dieta diária, quase como uma narrativa. Tal metáfora relaciona-se muito mais com o pátio da escola do que com comidas apetitosas, uma vez que a refeição colorida se comporta como a ideia da brincadeira, o prato como o cenário imaginado e os alimentos como personagens, enquanto a dieta simboliza a essência do lúdico na criança; mas esta é somente uma exemplificação de como a realidade pode ser interpretada pelos pequenos.

Assim sendo, os fatos expostos podem facilitar o entendimento da ideia de Sigmund Freud sobre a criação de um mundo particular possibilitado pela brincadeira, pois dizem respeito à formação implícita da criança em um contexto sociocultural e particular, viabilizando a brincadeira como um estopim ao “- Mãe, mas por quê?!”, ou, claramente falando, ao questionamento.

Logo, ser criança também é “ser um sujeito da cultura, capaz de criar e reelaborar informações e experiências [...]” (CAMPELLO *et al.*, 2017, p. 23), aquele que busca cada vez mais conhecer o mundo no qual está inserido. Para tal expansão intelectual, há vários caminhos em conjunto com a brincadeira que podem ser abordados, como o desenvolvimento do pensamento infantil, a participação escolar e a leitura, pois através dos livros pode-se orientar a imaginação dos pequenos para contextos diversificados.

Unindo, então, a corporeidade¹ dos pequenos diante da leitura (CARVALHO, 2017) – seja pelo prazer de ler e criar brincadeiras ou preencher lacunas de uma infância interrompida –, à característica natural lúdica das crianças (CORTELLA, 2008), obtém-se no livro a possibilidade de expansão da criatividade infantil para além do lúdico ou da imaginação, mas que alcança um nível social, de cidadania.

¹ Para saber mais, acesse: PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Edelbra Editora Ltda, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3sYbkyK>. Acesso em: 06 mar. 2021. Acesse também: JOÃO, Renato Bastos. Corporeidade e epistemologia da complexidade: por uma prática educativa vivencial. **Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/3rs2zwj>. Acesso em: 06 mar. 2021.

2.1 O LIVRO: UM BEM IMPOSTO PARA O CRESCIMENTO DO SER

É evidente que as crianças, quando inseridas no contexto escolar, entram em contato com os livros e a leitura através da apresentação feita pelos adultos, assim como ocorre a apresentação dos pequenos ao universo lúdico característico de seu crescimento. “Porém, descobrir um livro ou ler um livro é um momento que ‘pode ser único’ e, rotineiramente, não precisa de ser sempre seguido pelas questões colocadas por um adulto” (MARCHÃO, 2013, p. 31), ainda mais quando um primeiro contato com o material é estabelecido.

Por isso, apesar de haver um desejo de autonomia entre a prática da leitura e a formação intelectual de uma criança, por trás desse ato de liberdade há uma imposição histórica implícita, que não atinge diretamente os pequenos, mas sim os adultos que os influenciam, dado que “não se pode negar que o nível de leitura é um forte indicativo cultural de uma pessoa, uma vez que há uma relação entre a leitura e o desenvolvimento cultural [...]” (SILVA, 2017, p. 2), estabelecendo que quanto mais cedo um indivíduo se torna um agente, ou seja, consciente e responsável por suas ações intelectuais, maior a estabilidade cultural deste.

Para tanto, mostra-se pertinente conhecer o posicionamento histórico da leitura e como está se comporta como um objeto de imposição para as crianças em fase de alfabetização, pois essa prática raramente é questionada, mas geralmente aceita.

Segundo o dicionário Michaelis², dentre algumas definições sobre o verbo ler, este pode ser compreendido como o ato de examinar um texto com reflexão. Tal verificação pode ser feita de diversas maneiras, a um nível superficial ou interpretativo, formas essas que são variáveis, mas que sempre visam cristalizar no leitor as intenções contidas em um texto, além de que podem revelar informações preciosas.

Como exemplo, leis de interesse público ou regras de convivência básicas podem ser interpretadas como positivas ou negativas, o que dependerá do leitor. Contudo, tanto uma quanto a outra não deixarão de ser analisadas sob a ótica

² Disponível em: <https://bit.ly/3dw3Fzo>. Acesso em: 27 nov. 2020.

da decodificação dos signos, privilegiando aqueles que saibam realizar tal ato, fornecendo, conseqüentemente, mais dados e informações para uma melhor convivência.

Historicamente, ler já era um hábito dos povos antigos que tinham grande admiração por escritos em seus mais diversos assuntos, o que levou inclusive à criação de dispositivos que guardassem as informações para que um acesso posterior fosse feito, preservando não somente a integridade das leituras, como também o costume em adquirir informações diariamente.

A vontade e a necessidade iminente em adquirir conhecimento por meio de leituras que alcançou o ser humano se deu doravante o surgimento da linguagem escrita e sua leitura, que nasceram há milhares de anos justamente por terem sido formuladas a partir de códigos, como os pictogramas e hieróglifos dos antigos egípcios. O contato entre o indivíduo e a interpretação dos signos linguísticos que se derivaram da simbologia utilizada pelos povos antigos resultou na capacitação humana de comunicabilidade, o que caracterizou a leitura e a escrita como agentes de transformações intelectuais, fisiológicas e precedentes da cultura (MARCONDES, 2017).

Isto é, a leitura, ao lado da escrita, foi capaz de modificar a forma como o mundo era codificado, assim como essa nova forma de enxergar a sociedade transformou a própria relação do social com o olhar particularizado do leitor, evidenciando que aqueles que possuíam um domínio de reflexões aprofundadas de um texto sabiam muito mais do que os leigos.

Por isso, os escribas, por exemplo, ocupavam uma posição de destaque na pirâmide social egípcia, sempre empregando os seus conhecimentos em escritos administrativos ou literários (RAMOS, 2018). Porém, os escribas eram membros de uma colocação hierárquica da qual somente os indivíduos que tinham posses, dinheiro e condições de estudo podiam frequentar, o que claramente era um reflexo da constituição da sociedade da época, que era estamental.

Embora cercados por privilégios, até mesmo os leitores de classes abastadas provavelmente tinham acesso às fontes sob mediação e constante vigilância (JACOB, 2000), uma vez que se mostrava de grande importância a

preservação dos escritos e o seu não espalhamento. Ou ainda, a própria solidificação da Biblioteca de Alexandria³ pode ser vista como um exemplo de que, a todo custo, as classes dominantes tentavam deter o conhecimento escrito para si, visto que a sua proliferação “acordaria” as mentalidades do período, gerando um colapso estrutural.

Caminhando séculos à frente, outro aspecto semelhante que envolveu tanto a escrita como a leitura foi a invenção da imprensa, que permitiu um crescimento exponencial da produção livresca da época, fornecendo ao livro uma imagem de fonte preciosa, capaz de “[...] fomentar a capacidade de devaneio e permitir o pensar” (FALKOSKI *et al.*, 2016, p. 78), mas que, infelizmente, continuava inacessível para parte da sociedade.

Essa demonstração do alcance limitado do conhecimento profundo e não “massificado”, além da sua prevalência nas camadas sociais mais elevadas, mostra que, mesmo na Era Contemporânea, a difusão do conhecimento continua centrada à uma determinada elite que domina a leitura e a escrita, fazendo com que informações de controle prevaleçam com uma minoria, privando o acesso ao saber e aprofundando ainda mais as desigualdades materiais e intelectuais.

Logo, a imposição da leitura na infância, feita muitas vezes por pais ou professores, não diz respeito a uma obrigatoriedade clichê, que visa impor um costume que servirá para concretizar características do senso comum – como as frases clássicas “leia para aprender a escrever melhor” ou “quem lê muito fala bem” que até podem ser aceitas, mas precisam ser aprofundadas – mas sim, sobre uma “abertura intelectual”, ou seja, a ação de pensar e agir socialmente que, quanto mais cedo iniciada, mais ampla poderá ser.

Isto é, a leitura, quando imposta à criança, é empregada com o objetivo de que esse indivíduo seja um transformador de sua realidade através dela, pois, como já fora sancionado socialmente desde a Antiguidade, a leitura é tida como um ato de poder⁴, cuja significância é capaz de mudar o mundo interior e exterior de um ser, porque “o aprendizado da leitura se dá pela qualificação que a

³ Para saber mais, acessar o documentário disponível em: <https://bit.ly/2VcRfWE>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁴ Informação verbal proferida por Alberto Manguel em vídeo para Fronteiras do Pensamento, disponível em: <https://bit.ly/3fVr5zU>. Acesso em 27 nov. 2020.

linguagem lhe confere, possibilitando que tal ação seja parte do processo de formação global de um indivíduo” (SILVA, 1988, p. 04).

Ademais, ao unir crianças em fase de construção intelectual, muito envoltas em suas capacidades particulares e, ao mesmo tempo, em expansão com a decodificação aprendida na escola, um mundo de possibilidades pode se abrir, tanto para a sociedade que abrigará um futuro adulto, quanto para a formação da criança em si, visto que “[...] a história da escrita e da leitura se identifica com a história dos avanços do espírito humano” (HIGOUNET, 2003, p. 10).

Dessa maneira, a insistência da leitura para a formação da criança, geralmente iniciada na escola e recomendada por essa, apenas segue as regras sociais que estão implícitas, porque “[...] a leitura se torna o elemento principal no desenvolvimento da consciência crítica, o que resulta na formação de uma geração questionadora” (SILVA, 1998, p. 08), algo que é evitado a todo custo por parcela populacional que intenciona usar o conhecimento como uma arma de opressão, reconhecendo que indivíduos que não questionam, não possuem mecanismos para derrubar a barricada ilusória construída pelos ditos “eruditos”, enquanto que os leitores, especialmente os mais antigos, são ameaças constantes.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ultrapassar as barreiras construídas social e culturalmente por gerações que não ousaram reavaliar suas posições como sociedade pode não ser uma tarefa fácil. Contudo, não se pode desconsiderar que o presente sempre oferece uma nova chance, inclusive para as bibliotecas. Para tanto, voltar o olhar para a realidade atual das bibliotecas escolares contribui para que novas evoluções ocorram, especialmente quando os sujeitos em questão são crianças e jovens.

De início, uma simples comparação pode ser criada entre as bibliotecas escolares e uma lagarta, elucidando as colocações propostas, uma vez que o inseto se comporta como um símbolo, que “[...] torna-se o grande mediador entre o universo da realidade subjetiva e a vida objetiva” (FRIEDMANN, 2005, p. 89). Em outras palavras, da mesma maneira que uma lagarta possui várias pernas,

sendo cada uma responsável pelo seu próprio direcionamento, a anatomia completa deste inseto é capaz de levá-la a um local específico, pois se atuando em conjunto, todas as pernas a levarão a um só lugar, em uma atividade de cooperação.

Em paralelo estão as bibliotecas escolares — com ênfase ao plural —, que trabalhando sozinhas são capazes de oferecer acervo, espaços físicos minimamente acolhedores, dispor de materiais informacionais atualizados (BRASIL, 2018) e outros equipamentos básicos de funcionamento. Mas se trabalhando em conjunto, as bibliotecas escolares podem disponibilizar muito mais do que espaços e equipamentos, dado que podem oferecer trocas contextuais, envolvimento entre seus públicos e a satisfação informacional de cada sujeito, além de serem redescobertas como partes vivas do sistema escolar e um excelente meio para as trocas pedagógicas (TAVARES; SILVA; VALÉRIO, 2018).

Ademais, a conscientização do alcance das bibliotecas escolares se faz mais do que necessária no contexto brasileiro, visto que o país sofre com fraturas sociais graves, tais como a falta de uma cultura de estudo e a desvalorização do saber e fazer científicos, esclarecendo que os dispositivos como as bibliotecas, atuando como espaços pedagógicos, podem enriquecer e propor pensamentos críticos entre os alunos e a escola, dado que “[...] a missão é fornecer informações vitais (no sentido de importantes à vida) para a sociedade que, atualmente, estrutura-se sobre os pilares do conhecimento e da informação” (CASTRO FILHO, 2018, p. 361).

Apesar da presença da informação e do conhecimento na sociedade contemporânea, o Brasil se mostra bastante desigual na distribuição deles, sendo que as bibliotecas escolares, dispositivos de fornecimento do saber demonstram a discrepância social em relação à leitura. A exposição pode ser afirmada com base nos dados que mostram um percentual de 45% quando se refere a quantidade de bibliotecas ou salas de leituras em escolas públicas de ensino básico (APENAS..., 2019), complementando que, quanto à alfabetização, menos de 15% das crianças pertencentes aos baixos níveis econômicos possuem suficiência de alfabetização em leitura, enquanto as crianças que

compõem níveis sociais mais altos possuem suficiência acima de 80% (APENAS..., 2019).

Os índices podem se tornar mais importantes se observado que os empréstimos de livros feitos pelas bibliotecas escolares representam menos de 20% da capacidade de oferta aos usuários, enquanto que 17% é o percentual referente à quantidade de crianças entre cinco e dez anos que frequentam as bibliotecas (INSTITUTO..., 2019), evidenciando que “[...] os esforços, tanto da escola quanto dos programas governamentais, de incentivo à leitura, não têm, de maneira geral, conseguido transformar a criança e o jovem que leem em leitores críticos” (CARVALHO, 2017, p. 21) apesar do intuito de tornar as bibliotecas escolares ambientes de cooperação entre si, as crianças e a escola.

Logo, o que precisa alavancar a biblioteca escolar para que essa receba o devido reconhecimento? Segundo Silva (1988, p. 7) “sabemos também que devemos considerar pontos como o ambiente e as condições oferecidas, como elementos essenciais na contribuição para o desenvolvimento de uma boa leitura, alcançando assim os objetivos propostos”. Em outras palavras, as condições oferecidas podem se referir ao contexto, tanto das crianças quanto das bibliotecas escolares, demandando que tais objetos sejam **ressignificados**, isto é, deve haver nitidez entre as trocas contextuais do ambiente biblioteca e a realidade das crianças brasileiras, assim como a implementação de novos suportes para a revitalização da leitura: as telas e a internet.

3.1 RESSIGNIFICAÇÃO E CONTEXTOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Há uma expressão popular que menciona: quantidade não é qualidade. Sua interpretação pode ser aplicada, também, às bibliotecas escolares brasileiras, visto que há uma quantidade considerável delas — 43% para as escolas públicas, sem que fossem consideradas as bibliotecas de escolas particulares (APENAS..., 2019) —, mas grande parte não é capaz de mediar crianças para que se tornem leitoras conscientes e questionadores. Algo semelhante ocorre com a informação, que é disposta em grande quantidade, mas é pouca ou precariamente mediada.

Mediação, neste momento, pode ser entendida como a transposição da teoria para a prática, ou seja, colocar em funcionamento aquilo que foi escrito na Biblioteconomia sobre o papel que a biblioteca escolar deve desempenhar. Muitas vezes a mediação não é feita adequadamente por problemas governamentais, como o não investimento na educação ou o planejamento de encarecer os impostos sobre os livros (REFORMA..., 2020), privando os processos internos de ocorrerem naturalmente, uma vez que os livros físicos não chegam até o espaço.

Em concomitância, a mediação será desenvolvida a partir das ações de um sujeito leitor, que interpreta a leitura como um caminho de fruição e ferramenta de formação crítica (CAVALCANTE; BARRETO; SOUSA, 2020). Para tanto, os profissionais habilitados para exercerem tais funções, além de necessitarem do apoio governamental básico para obterem suas ferramentas de trabalho, devem atuar de maneira plural, isto é, compartilhando trocas entre profissionais, demandando que mais bibliotecários e professores orientadores de sala de leitura⁵ sejam contratados, para que não haja sobrecarregamento de funções e uma má dedicação perante as crianças, uma vez que estas são repletas de singularidades.

Por consequência, explicita-se que há lacunas na formação de crianças como agentes sociais devido às próprias mediações das bibliotecas escolares, que apesar de existirem, não são desenvolvidas para que seu público avance, revelando um descaso público perante, por exemplo, à Resolução de número 199/2018 do Conselho Regional de Biblioteconomia, que recomendou parâmetros básicos para o funcionamento de bibliotecas escolares no Brasil, incluindo a disponibilidade de materiais informacionais atualizados, o funcionamento do espaço como um ambiente educativo e a disposição do acesso à internet (BRASIL, 2018), que não foram completamente atendidos pelos órgãos educacionais públicos.

⁵ Ao se tratar de Salas de Leitura, e não apenas bibliotecas escolares. Para saber mais, acesse: PROFESSOR ORIENTADOR DE SALA DE LEITURA. Disponível em: <https://bit.ly/3ftNQMd>. Acesso em: 06 mar. 2021.

Dessa maneira, quando o verbo ressignificar é empregado para se referir às bibliotecas, estão incluídas também as impressões governamentais negativas que precisam ser revistas, quando se trata de bibliotecas escolares não valorizadas e de seus profissionais. Ainda assim, a ressignificação das bibliotecas escolares busca uma interação maior e mais vívida com as suas crianças, destacando que “ler simbolicamente os acontecimentos dá novamente significados ao que somos, ao que fazemos e o próximo passo a ser empreendido para cumprir a nossa existência” (FRIEDMANN, 2005, p. 90).

Primeiramente, a ressignificação deve iniciar-se pelos sujeitos em formação, isto é, as crianças e os jovens, para que assim como brincar, a biblioteca escolar seja adicionada ao contexto infantil com naturalidade, uma vez que “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (BROUGÈRE, 1988, p. 108), ou seja, a criação do hábito de frequentar bibliotecas.

Em sequência, a singularidade de cada criança está intimamente relacionada com a condição cultural que cabe a cada sujeito, implicando que o ambiente da biblioteca escolar ofereça não apenas mecanismos para impulsionar o viés artístico e criativo de jovens e crianças, mas que possa também apresentar-se como um local de exposição e uso da cultura produzida, uma vez que leitura é um código cultural que permite o acesso a outros códigos. “Há uma diversidade de código à medida que existe uma diversidade sociocultural, por isso a leitura abre portas de acesso a um universo cultural que sem ela é inacessível [...]” (SILVA, 2017, p. 5).

Pensando desta maneira, o próprio bibliotecário precisa fazer parte da transformação de seu espaço de trabalho, visto que “a mediação da leitura visa construir sentidos, de modo a ampliar visões de mundo” (CAVALCANTE; BARRETO; SOUSA, 2020, p. 26), culminando em visões cada vez mais amplas com mais participações, isto é, cooperação entre profissionais e aproximação das particularidades infantis, valorizando a criatividade e percepção crítica de cada uma.

Ademais, as bibliotecas escolares, juntamente com a presença dos bibliotecários dedicados à mediação das crianças, podem ainda apostar na tecnologia como um suporte, haja vista que “para as crianças, a tecnologia e o celular ficam na esfera dos recursos, utilizados somente como dispositivos mediadores para o acesso, uso e partilha de conteúdos e possibilidades de comunicação e interação” (FURTADO, 2019, p. 424), cabendo ao mediador a utilização de tais utensílios na transposição dos benefícios da biblioteca escolar, seja através da leitura digitalizada ou *audiobooks*, levando até as crianças o sábio universo da leitura unido às novidades da tecnologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola atua como organismo gerador, transmissor e receptor de conhecimentos e a Biblioteca, através dos Serviços de Informação, torna-se consciente de sua função mediadora realizando os processos documentários e preservando a informação para sua próxima transformação em conhecimento em uma espiral de evolução científica e tecnológica.

Neste contexto, a Escola tem como foco amplificar a produção de conhecimento, inovação, processos, reflexão, política pública e formação de cidadãos. A Biblioteca atua como agente de socialização de conhecimento e novos saberes, sendo que suas funções básicas derivam dessa dinâmica social que, em um movimento circular, fornece insumos para sua própria continuidade. Dentro dessa dinâmica, visualizamos as funções de:

- Armazenagem do Conhecimento: desenvolvimento de coleções, memória da produção científica e tecnológica, preservação e conservação;
- Organização do Conhecimento: qualidade de tratamento temático e descritivo que favoreça o intercâmbio de registros entre Bibliotecas e sua recuperação;
- Acesso ao Conhecimento: a exigência de informação transcende o valor, o lugar e a forma e necessita de acesso. Por isso devemos pensar não só em fornecer a informação, mas possibilitar o acesso simultâneo de todos.

Essas três funções estão presentes em toda a evolução do processo de socialização do conhecimento realizado pela Escola ao longo do tempo, mesmo considerando a permanente mudança dos formatos documentários para registro do conhecimento e seu modo de acesso. A Biblioteca insere-se neste contexto cujos objetivos maiores são o desenvolvimento educacional, social, político e econômico da sociedade humana (FUJITA, 2005).

Apoiar o trinômio Livro, Leitor e Leitura como elementos de desenvolvimento social sustentável contribui de forma inovadora na formação do jovem leitor, garantindo distribuição de renda e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Investir na criança e na Biblioteca Escolar deve estar no centro de uma estratégia desenvolvimentista, moderna, inovadora e promotora de bem-estar social.

REFERÊNCIAS

APENAS 45% DAS ESCOLAS PÚBLICAS TÊM BIBLIOTECA OU SALA DE LEITURA, DIZ PESQUISA. CRB8-SP, [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3k27T4X>. Acesso em: 30 out. 2020.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3qshtCA>. Acesso em: 03 dez. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia 2018. Resolução no 199, de 3 de julho de 2018. [Em linha]. 2010. Dispõe sobre os parâmetros a serem adotados para a estruturação e o funcionamento das Bibliotecas Escolares [Consult. 20 jan. 2019]. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/1313/1/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20199%20Par%C3%A2metros%20para%20a%20Biblioteca%20Escolar.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2020.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3IHA8Xw>. Acesso em: 11 nov. 2020.

CAMPELLO, Bernadete; CARVALHO, Maria Conceição da; ANDRADE, Maria Eugênia Albino; VIANNA, Márcia Milton; CALDEIRA, Paulo Terra da Caldeira; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. São Paulo: Autêntica, 2017.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. *In*: CAMPELLO, Bernadete; *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. São Paulo: Autêntica, 2017.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável: uma leitura de política pública na clave da biblioteca escolar. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 355-372, 2018.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; BARRETO, Damaris Queiroz; SOUSA, Laiana Ferreira de. **Mediações de leitura: o ato de ler que nos conecta**. Fortaleza: Edições Pausa, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3enBG8W>. Acesso em: 06 mar. 2021.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A criança em seu mundo**. 2008. Café filosófico. Disponível em: <https://bit.ly/3cJ3vEo>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FALKOSKI, Fernanda Cristina; FREITAS, Cláudia Rodrigues de; SANTOS, Joseana Frassoni dos; SCHOLZ, Danielle Celi dos Santos; WERNER, Sheyla. Livro acessível: o encantamento na ponta dos dedos. **Diálogo**, n. 33, p. 77-92, dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2leucYw>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Disponível em: https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Adriana_Friedmann_O_Universo_Simbolico_da_Crianca.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

FURTADO, C. C. Geração alpha e a leitura literária: os aplicativos de literatura - serviços incentivam a prática? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 418-431, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/134499>. Acesso em: 06 mar. 2021.

FUJITA, M., S. L. A Biblioteca digital no contexto da gestão de bibliotecas universitárias: análise de aspectos conceituais e evolutivos para a organização da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2005. Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA. 2005. Disponível em: http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/MariangelaFujita.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

GOMES, Pedro, João. O que é ser criança: Da genética ao comportamento. **Análise Psicológica**, v. 22, n. 1, pp. 33-42, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3mFztqK>. Acesso em: 27 nov. 2020.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 5a edição da Retratos da Leitura no Brasil. [Brasil], 2019. Disponível em: <https://bit.ly/361Bx6D>. Acesso em: 30 out. 2020.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. **O poder das bibliotecas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

MARCHÃO, Amélia. O lugar dos livros no jardim de infância. **Aprender**, n. 33, p. 25-34, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/36CKwLP>. Acesso em: 27 nov. 2020.

MARCONDES, Danilo. **As armadilhas da linguagem**: significado e ação para além do discurso. Zahar, 2017.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF, v. 17, n. 2, pp. 61-76, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2VAX9ks>. Acesso em: 03 dez. 2020.

RAMOS, Érika Rodrigues de Maynard. **Os escribas e a cultura mnemônica**: status e intermediação de práticas culturais no reino médio egípcio. 2018. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2JoRyv7>. Acesso em: 27 nov. 2020.

REFORMA tributária pode fazer livro ficar mais caro. **Senado Notícias**, [S.l.], 11 ago. 2020. *online*. Disponível em: <http://bit.ly/37SevzB>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SILVA, Cleide Rufino da. A leitura no contexto escolar. **Série ideias**, v. 5, 1988. Disponível em: <https://bit.ly/37tgQA6>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SILVA, Paulo Cesar Garré. Educação, leitura e transformação sociocultural. **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**. 2017, Maranhão, [São Luís]. Programa de pós-graduação em Políticas Públicas, Centro de Ciências Humanas - Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/37won1c>. Acesso em: 06 out. 2020.

TAVARES, Aureliana Lopes de Lacerda; SILVA, Tiago José; VALÉRIO, Dias. Biblioteca escolar: instrumento para a formação de leitores críticos. *Revista ACB*; v. 18, n. 1 (2013). **Anais [...]**. Santa Catarina, 2012; 639-657, v. 24, n. 2, p. 657-639, 2018.

BOOK, READER AND READING: AGENTS OF SOCIAL TRANSFORMATION

ABSTRACT

Objective: The highlight the fundamental role of the book, the reader and reading as agents of real social transformation led by the School Library. **Methodology:** Of a qualitative nature, composed of a bibliographic survey of theoretical-exploratory search, and statistical information was used to support some of the reflections pointed out. **Result:** The School Library is reframed by the context of different cultural conditions brought by children and their "meanings" as well as mediation issues carried out by the librarian in meeting their needs in times of major structural / digital transformations. **Conclusion:** Supporting the trinomial Book, Reader and Reading as elements of sustainable social development contributes in an innovative way to the training of young readers, ensuring income distribution and the construction of a more just and equitable society.

Descriptors: Book. Reader. Reading. School Library. Social transformation.

LIBRO, LECTOR Y LECTURA: AGENTES DE TRANSFORMACIÓN SOCIAL

RESUMEN

Objetivo: Resaltar el papel fundamental del libro, el lector y la lectura como agentes de transformación social real que lidera la Biblioteca Escolar. **Metodología:** De carácter cualitativo, compuesto por un relevamiento bibliográfico de búsqueda teórico-exploratoria, y se utilizó información estadística para sustentar algunas de las reflexiones señaladas. **Resultado:** La Biblioteca Escolar se replantea a partir del contexto de las diferentes condiciones culturales que traen los niños y sus "significados", así como las cuestiones de mediación llevadas a cabo por el bibliotecario en la satisfacción de necesidades en tiempos de grandes transformaciones estructurales / digitales. **Conclusión:** Apoyar el trinomio Libro, Lector y Lectura como elementos de desarrollo social sostenible contribuye de manera innovadora a la formación de lectores jóvenes, asegurando la distribución del ingreso y la construcción de una sociedad más justa y equitativa.

Descriptores: Libro. Lector. Lectura. Biblioteca de la Escuela. Transformación social.

Recebido em: 20.04.2021

Aceito em: 30.04.2021